

## Leitura e literatura infanto-juvenil: a contradição da prática

Tatiana Gloor Teixeira  
Ceres Helena Ziegler Bevilaqua  
UFSM

*“Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?”*

*(Carlos Drummond de Andrade, Procura da poesia)*

### Leitura versus escola

Relatos de experiências de estágios em Língua Portuguesa, bem como dados apresentados pelo Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), mostram que a grande maioria dos alunos, tanto em nível fundamental quanto em nível médio, não são leitores hábeis. Como consequência disso, tem-se alunos com várias dificuldades de aprendizado nas mais diversas áreas do ensino. Por esses motivos, lança-se a questão: o que se pode realizar para (re) construir a relação da leitura como base de ensino nas escolas brasileiras, a fim de se obter resultados satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem, não só na disciplina de Língua Portuguesa, mas em consonância com a formação de leitores proficientes e hábeis para os mais diversos assuntos e níveis de exigência?

Tratando-se de leitura, é possível observar que há uma preocupação consciente em se desenvolver e aprimorar essa atividade no cotidiano das escolas. Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), documento oficial, criado para nortear a atividade docente nas escolas brasileiras, enfatiza de forma bem explícita essa preocupação, como pode ser visto no seguinte fragmento:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: características do gênero, do

portador<sup>1</sup>, do sistema de escrita, etc. (...) Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. (...) Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (PCN's, Língua Portuguesa, ensino fundamental, p. 41).

No entanto, este processo descrito nos PCN's não está se concretizando nas aulas de português das escolas brasileiras. Isto pode ser comprovado a partir dos resultados das provas desta disciplina, que avaliam o ensino fundamental e médio, a nível nacional, aplicadas pelo Saeb. Os resultados destas provas indicam que este ensino está decaindo cada vez mais. A partir de uma comparação realizada entre os resultados das provas aplicadas pelo Saeb nos anos de 1995 até 2003, indica que “todas as regiões, ricas e pobres, estão abaixo da média mínima satisfatória, que é 200 pontos (ARAÚJO & LUZIO, 2005:39)”. Estudantes brasileiros que cursavam a 3ª série do ensino médio em 2003 obtiveram uma média de 266,7 em um universo de 350 pontos pela escala do sistema de avaliação. Além disso, relatos de experiência de estágio em Língua Portuguesa, apresentados no *I Seminário de Estágios Supervisionados em Letras – Experiências escolares de ensino de língua portuguesa e línguas estrangeiras* – realizado na UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) em dezembro de 2007, assinalaram na prática a falta de habilidade dos alunos em interpretar textos e mesmo o grande desinteresse dos alunos pela leitura.

Desse modo, a partir do que foi apresentado, acredita-se que seja essencial desenvolver nas escolas atividades de leitura, que colaborem para o aprimoramento dos conhecimentos já internalizados, do senso crítico e da produção textual dos alunos. Afinal, a partir desses dados existentes, observou-se que a escola e a leitura caminham para direções contrárias, uma vez que a grande maioria dos estudantes brasileiros não é capaz de

---

<sup>1</sup> O termo “portador” está sendo utilizado aqui para referir livros, revistas, jornais e outros objetivos que usualmente portam textos.

compreender um texto na sua completude. Por esses motivos, a preocupação em formar “leitores competentes” deve ser uma das prioridades nas aulas que trabalham diretamente com a linguagem, pois quem consegue ler, compreendendo um texto nas suas mais diversas significações, amplia sua capacidade de compreensão sobre os mais variados assuntos, inclusive, colaborando para o aprendizado de qualquer disciplina.

Dessa forma, é importante considerar o que afirma a escritora Rita Foelker:

Ler é saber. O primeiro resultado da leitura é o aumento de conhecimento geral ou específico. Ler é trocar. Ler não é só receber. Ler é comparar as experiências próprias com as narradas pelo escritor, comparar o próprio ponto de vista com o dele, recriando idéias e revendo conceitos. Ler é dialogar. Quando lemos, estabelecemos um diálogo com a obra, compreendendo intenções do autor. Somos levados a fazer perguntas e procurar respostas. Ler é exercitar o discernimento. Quando lemos, colocamo-nos de modo favorável ou não aos pontos de vista, pesamos argumentos e argumentamos dentro de nós mesmos, refletimos sobre opções dos personagens ou sobre as idéias defendidas pelo autor. Ler é ampliar a percepção. Ler é ser motivado à observação de aspectos da vida que antes nos passavam despercebida. (FOELKER, 2007)

A partir dessa afirmação é importante refletir o que está sendo ensinado nas escolas, já que a leitura, atividade primordial e basilar para outras atividades, não está sendo trabalhada adequadamente. Será que o ato de ler, conforme expôs Foelker, que capacita o aluno para tantas descobertas, para tantas trocas de conhecimentos, para a percepção de novas leituras de mundo, resultando em um gradual crescimento intelectual, está presente nas aulas de Língua Portuguesa? Será que o aluno está tendo a oportunidade de pensar, refletir e colaborar para as aulas, visto que todas as pessoas trazem consigo um conhecimento já internalizado? Será que ainda a maioria dos professores desconsidera o interesse dos alunos e o que será realmente importante para a vida deles?

Esses são alguns dos questionamentos que deveriam ser primordiais para a preparação das aulas em todas as escolas, porque é fundamental questionar-se sobre a relevância de se ensinar determinados conteúdos aos educandos. E neste momento é interessante atentar que não será qualquer

trabalho com textos em sala de aula que resultará em uma atividade de leitura satisfatória. É bastante comum ouvir relatos de aulas em que os professores usam os textos apenas como um pretexto para ensinar classes gramaticais, regência verbal, acentuação gráfica ou qualquer outro tópico de gramáticas normativas de uma forma descontextualizada e sem uma razão pragmática para tais estudos. Nesse contexto é importante atentar para o que relatou Paulo Freire sobre como ele desenvolvia suas aulas de Língua Portuguesa, no artigo *A importância do ato de ler*.

A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sinclitismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que deveriam ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, pelo contrário, era proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo de textos, ora de autores que estudávamos, ora deles próprios, como objetos a ser desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse. Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomando como pura descrição de um objeto e feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 1985, p.18)

Certamente esses questionamentos envolvendo quais capacidades e quais conteúdos devem ser trabalhados em aula são bastante complexos pelo fato de que cada escola, cada turma e cada aluno vão ter suas particularidades. Entretanto, ao mesmo tempo esses questionamentos são as soluções para tantos problemas, pois questionar é o primeiro passo para a (re) construção de uma nova educação possível, capaz de reverter o quadro apresentado pelo Saeb sobre o rendimento escolar. No momento em que paramos para refletir o que é importante ensinar, conforme assegura Paulo Freire, deve-se sempre lembrar as especificidades de cada um dos alunos integrantes do grupo no qual se trabalha. E deve-se pensar ainda no contexto no qual se encontram os alunos para que assim se possa observar as leituras de mundo realizadas por esses educandos e os conhecimentos que eles já possuem internalizados. Assim, essas leituras de mundo possibilitam que se parta em busca de atividades de leitura que façam alguma diferença no

processo de ensino-aprendizagem. De tal modo, é possível selecionar o que será ensinado e o que será apresentado para esses alunos em relação ao universo de leituras existente, de forma a ser significativa para suas vidas.

### **Leitura e Literatura na escola**

Começar um trabalho de leitura, em quaisquer séries é sempre complicado, uma vez que as turmas geralmente são bastante heterogêneas. É neste momento que começa o problema: quais textos são mais adequados para uma criança ou um jovem iniciar ou desenvolver seu longo processo de leituras? Esta é uma das principais questões em que se devem considerar os interesses dos alunos, para que o desenvolvimento do gosto e do hábito da leitura sejam satisfatórios. Neste caso, com base no que apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e no que Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva, apresentam em *Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto*, tem-se que o texto literário é bastante significativo para trabalhos de leituras em qualquer série, considerando-se as suas especificidades enquanto uso diferenciado da linguagem na sua constituição. No entanto, é importante observar que o texto literário em sala de aula pode ser muito ou pouco significativo, dependendo da ênfase dada por cada professor. Os PCN's ressaltam as especificações com o trabalho a respeito do texto literário:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do "prazer do texto", etc. (PCN's, Língua Portuguesa, ensino fundamental, p. 29-30)

Em síntese, o documento oficial defende que trabalhar o texto literário em sala de aula é pertinente desde que este seja explorado nas suas mais diversas significações, possibilitando a realização de discussões e reflexões por parte dos estudantes acerca deles. E não que o texto literário seja utilizado para trabalhar certos conteúdos fragmentados, que não possibilitarão uma leitura interpretativa e construtora de conhecimentos a partir destes textos.

Da mesma forma defende Ezequiel Theodoro da Silva, quando cita que

A literatura pode ser tudo (ou pelo menos muito) ou pode ser nada, dependendo da forma como for colocada e trabalhada em sala de aula. Tudo, se conseguir unir sensibilidade e conhecimento. Nada, se todas as suas promessas forem frustradas por pedagogias desencontradas. (SILVA, 1990, p.43)

De tal modo, pode-se compreender que tanto os PCN's, quanto SILVA expõem que o ensino precisa ser contextualizado e que o texto literário não deve ser utilizado para realizar trabalhos isolados. Caso contrário, esses textos perdem o que mais possuem de importante, a capacidade de despertar a imaginação e a curiosidade do leitor em buscar a apreensão e o questionamento de novas realidades. Somente a partir dessa reflexão que a literatura tem a capacidade de despertar no leitor que ela se torna pertinente para um trabalho de leitura. Assim, a partir dessa curiosidade despertada no leitor é que este se interessa em buscar novas leituras e posteriormente desenvolver suas idéias em outras atividades realizadas tanto no âmbito escolar como fora dele.

### **Literatura infanto-juvenil na escola:**

Como já foi exposto, é fato que a maioria dos estudantes brasileiros não é capaz de compreender um texto na sua completude. E isso, certamente, é resultado de muitos anos de exercícios inadequados de leitura realizados na escola. A partir de dados divulgados pelo Saeb, em 2003, "55% das crianças (brasileiras) da 4ª série estavam concentradas no estágio muito crítico de proficiência em Leitura. Isso indica incapacidade de compreender plenamente textos simples, curtos e de gêneros variados" (ARAÚJO & LUZIO, 2005, p. 38).

Não é difícil perceber que os trabalhos inadequados com a leitura e a leitura literária são realizados desde as séries iniciais. Por esse motivo ao 3º do

ensino médio os alunos continuam com muitas dificuldades em compreender textos e não gostam de ler. Daí a importância de um trabalho pertinente de leitura a partir das séries iniciais. Caso contrário, as dificuldades dos estudantes tendem a aumentar. É imprescindível, como expõe LIBERATO (2006) que as freqüentes perguntas de compreensão de textos sejam seguidas e mesmo substituídas por questionamentos que incitem a reflexão do texto e não o reduzam a meras decodificações e repetições.

Com isso observa-se a contradição das práticas escolares com a preocupação teórica existente. Explicitamente, os PCN's apresentam indicações norteadoras para atividades realizadas em sala de aula, inclusive enfatizando a importância com os trabalhos de leitura. Entretanto o que se observa é que a maioria dos professores continua duvidando da capacidade de compreensão dos estudantes e tentam de alguma forma facilitar as atividades realizadas. Os autores de livros didáticos também menosprezam a inteligência dos alunos quando exigem apenas copias de fragmentos de textos ou sintetizam as idéias abordadas nos textos. Como afirmou Magda Soares:

O que se quer deixar claro é que a literatura é sempre e inevitavelmente escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura - aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que se quer formar - e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura - aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura. (SOARES, 2006, p. 25).

Nesse caso é importante considerar que a leitura literária é essencial na vida de todos os estudantes e principalmente de todas as crianças, uma vez que a literatura permite leituras de mundo mais abrangentes que outros textos. Por isso a importância do trabalho adequado com a literatura infanto-juvenil na escola. E não por simples pretextos moralizantes ou de metalinguagem. Somente dessa maneira, os índices de proficiência em leitura dos estudantes brasileiros serão melhores e a (re) construção da relação das atividades de leitura - Literatura (infantil e juvenil) - escola aconteça de uma forma prática e satisfatória.

## Referências

ARAÚJO, Carlos Henrique & LUZIO, Nildo. *Avaliação da Educação Básica: em busca da qualidade e equidade no Brasil*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. - Brasília: 144p

FOELKER, Rita. *Importância da Leitura na Construção do Conhecimento*. Disponível em [www.edicoesgil.com.br/educador/leitura](http://www.edicoesgil.com.br/educador/leitura). Acessado em 03.03.2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1985.

SOARES, Magda. Perspectivas de escolarização da leitura literária. In: *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

YARA, Goulart Liberato. Perguntas de “compreensão” e “interpretação” e o aprendizado da leitura. In: *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Org. Regina Zilberman. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.